

AS PROBLEMÁTICAS DA LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Zilene Lima de Assis Santos¹

RESUMO A escola como formadora de opiniões pretende oportunizar um incentivo ao desenvolvimento da tão necessária competência leitura no ambiente escolar. Explorar juntamente com os familiares as potencialidades de aprendizagem que a leitura diversificada, valorizando diferentes textos, em diferentes suportes. O professor deve ser ele próprio um leitor, além de formador de leitores competentes, e um mediador que forneça instrumentos para que as práticas da leitura se efetivem no ambiente escolar. A leitura como forma de participação social vai além da leitura literária, ou da leitura cotidiana. São diferentes formas de leitura que intercalam e se complementam, com intenção de formar alunos, professores e familiares leitoras e de diferentes manifestações cultural e social.

Palavras-chave: Escola. Leitura. Aprendizagem. Ensino.

ABSTRACT The school intends as forming opinions create opportunities an incentive to the development of much needed reading skills in the school environment. Explore along with family members the potential of learning that reading diversified, valuing different texts in different media. The teacher should be himself a player, besides forming competent readers and a mediator that provides tools for the practice of reading be taken in the school environment. Reading as a form of social participation goes beyond literary reading, or reading every day. They are different ways of reading that intersperse and complement each other, with the intention of forming students, teachers and family and readers from different cultural and social manifestations.

Keywords: School. Reading. Learning. Teaching.

1- INTRODUÇÃO

A leitura insere o indivíduo em um mundo vasto, de conhecimento e significados, habilitando-os a decifrar códigos e dando a noção de leitura de mundo. A escrita deve ter um sentido para quem lê, pois, saber ler não é representar apenas a decodificação de signos, de símbolos. Ler é um movimento de interação das pessoas

¹Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade de Brasília. Pós-graduada (Lato Sensu) em Educação pela Universidade Federal de Goiás. Professora da Educação Básica – Anos Finais da Rede Pública. E-mail: zilenesantosbio@yahoo.com.br

com o mundo e isso se adquire quando passa a exercer a função social da língua. O ato de ler não se dá linearmente como um processo contínuo, tranquilo e sem

interrupções, ao contrário, é uma operação mental complexa marcada por tensões, porque envolve ativamente a pessoa.

Sendo a língua um meio de comunicação que deve ser respeitada e trabalhada de maneira que todos tenham de fato um entendimento, tendo a escola como mediadora entre o ensino e a aprendizagem. Vale ressaltar que ao mesmo tempo em que a língua é simples, ela também pode ser complexa. Todas as línguas variam e é por isso que nenhuma sociedade ou comunidade fala da mesma forma. Geralmente a língua padrão de uma comunidade advém da camada dominante. Sabendo que o perfil dos alunos do Ensino Fundamental é de total dificuldade e desinteresse, e que a maioria advém de classe sócia econômica baixa e que se deixam influenciar pelas classes dominantes de seus bairros, com isso, o progresso no meio intelectual fica prejudicado, principalmente quando se trata de leitura. Mediante a tal situação quais os métodos que devem ser utilizados para sanar este problema?

Assim sendo, e considerando as necessidades emergentes para a formação de leitores na sociedade é que foi elaborado este trabalho com intuito de contribuir nesse processo de ensino aprendizagem. Tendo como objetivo geral a análise das dificuldades e o desinteresse dos alunos perante a leitura.

Num país que tem boa parte da população composta por não leitores que preferem ver televisão, ouvir música e rádio ou descansar em vez de ler, a tarefa de valorizar e estimular a leitura exige determinação e exemplo dos educadores. Porém, o desempenho deles também é fraco perante as próprias famílias, como aponta a segunda edição da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, do Instituto Pró-Livro. Segundo Silva (2003, p.58), presidente da Associação de leitura do Brasil, muitos professores declaram não gostar de ler. “O professor precisar ler para não ser um agente débil”, afirma Silva.

2 – DESENVOLVIMENTO

Pesquisa realizada pela revista Professor aponta como receita para os professores: "Seja generoso com a turma, leia histórias, dê emoção à voz. Deixe-as tocar nas ilustrações. Dê-lhes tempo para sonhar, viverem outras vidas, soltar a imaginação. Estimule-os a fazer comentários. Assim nasce o leitor" Dad Squarisi (2003, p.68).

A leitura é um testemunho oral da palavra escrita de diversos idiomas; e com a invenção da imprensa tornou-se uma atividade extremamente importante para o

homem civilizado, atendendo múltiplas finalidades. Segundo Morais (1997) a leitura envolve em primeiro lugar, a identificação dos símbolos impressos (letras e palavras) e o relacionamento destes com os seus respectivos sons.

No início do processo de aprendizagem de leitura a criança entra em contato com as palavras, deve diferenciar visualmente cada letra que forma a palavra, associando-a a seu respectivo som, para a formação de uma unidade linguística significativa. A este processo define-se como decodificação. Entretanto, para que haja leitura não basta apenas à decodificação dos símbolos, mas a compreensão e a análise crítica do texto lido. Quando não há compreensão do que se lê no texto a leitura deixa de ser interessante prazerosa e motivadora (MATÊNCIO, 2002).

A leitura insere o indivíduo em um mundo vasto, de conhecimentos e significados, habilitando-os a decifrar, dando a noção de leitura de mundo. A escrita deve ter um sentido para quem lê, pois saber ler não pode ser representar apenas a decodificação de signos, de símbolos. Ler é "um movimento de interação das pessoas com o mundo e isso se adquire quando passa a exercer a função social da língua", quando sai da decodificação para a leitura e reelaboração dos textos que podem ser de diversas formas apresentáveis e que possibilitam uma percepção do mundo (KOCK, 2005, p.80).

Segundo Abramovich (1997, p.28), "é por meio de narrativas que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, de outra ética, outra ótica". É ficar sabendo história, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem caráter de aula. Para Banho (2003, p.34), só a leitura permite conhecer os múltiplos recursos da língua e usá-los com eficiência, sem a decoreba é essencial. Quem lê está em contato com

que escreveu o texto, com as ideias de uma ou de várias pessoas, fazendo refletir, podendo criticar ou concordar com o autor.

Os objetivos das atividades de leitura enfatizam a busca de sentidos, e não a construção de sentidos, a ação entre interlocutores. Os problemas apontados no ensino de leitura e escrita ultrapassam as questões linguísticas e de aprendizagem, remetendo a aspectos físicos da escola, às dificuldades de trabalho e formação de professores, dentre outros pontos; ou seja, as dificuldades vivenciadas em salas de aula têm vínculo com aquelas encontradas na organização global das instituições educacionais. Nova Escola – 2003.

Pode-se observar através das atividades docentes o quanto à leitura vem perdendo seu espaço no cotidiano tanto pelos professores quanto pelos alunos. O

texto literário é objetivo de desinteresse, que infelizmente os alunos em sua maioria só leem se forem obrigados. Segundo Giraldo (1999, p.71), leitor maduro “é aquele para quem cada nova leitura desloca e altera o significado de tudo o que ele já leu, tornando mais profunda sua compreensão dos livros, das gentes e da vida”.

A língua é um meio de comunicação que deve ser respeitado e trabalhado de maneira que todos tenham de fato um entendimento. É a escola que tem este papel de mediadora entre o ensino e a aprendizagem. Mas, vale ressaltar que ao mesmo tempo em que a língua é simples, ela também pode ser complexa. Todas as línguas variam e é por isso que nenhuma sociedade ou comunidade fala da mesma forma. Geralmente a língua padrão de uma comunidade advém da camada dominante.

A importância da literatura infanto-juvenil como disciplina a ser incluída no currículo de formação do professor é parte da questão da formação do professor de língua materna. O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, pai ou dos avós, contados durante o dia “numa tarde de chuva, ou estando todos soltos na grama, num feriado ou domingo ou num momento de aconchego, à noite, antes de dormir, a criança se preparando para o sono gostoso e reparador, e para um sono rico” ABRAMOVICH (1997, p.82).

Ler histórias é poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever de um autor e, então, pode ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento. É suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a

tantas perguntas, é encontrar ideias para solucionar questões. É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos.

O aluno ao ler uma história desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ele pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar. Pode se sentir inquietado, cutucado querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião. E isso não deve ser feito apenas uma vez por ano. Deve ser feito a todo o momento, fazer parte da rotina escolar, sendo sistematizado, sempre presente. Não significa trabalhar em cima de um esquema rígido e apenas repetitivo. É perceber que ficou super envolvido querendo ler de novo ou saber que detestou e não querer mais nenhuma aproximação com aquela história tão chata, tão boba ou tão sem graça. É formar opinião própria, é ir formulando os próprios critérios, é começar a amar um autor, um gênero, uma ideia, um assunto e, daí seguir a trilha e encontrar outros e novos volumes. É no encontro com qualquer forma de Literatura que os homens têm

a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida. Nesse sentido, a Literatura apresenta-se não só como veículo de manifestação de cultura, mas também de ideologias (ABRAMOVICH, 1997).

Ler histórias é poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever de um autor e, então, pode ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento. É suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar ideias para solucionar questões. É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos.

3 - DISCUSSÃO E RESULTADOS

Com o objetivo de obter subsídios para a implementação de uma política de formação de leitores, o Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Educação Básica, realizou uma Avaliação Diagnóstica do Programa Nacional Biblioteca da Escola.

Essa pesquisa foi desenvolvida pela Associação Latino-Americana de Pesquisa e Ação Cultural – ALPAC, no fim de 2005, em 196 escolas de Ensino Fundamental localizadas em 19 municípios de oito estados. A pesquisa forneceu dados importantes sobre questões centrais relacionadas a uma política de formação de leitores, tais como:

No que diz respeito ao material bibliográfico disponível na escola, a pesquisa revelou que o livro, como objeto, ainda parece ter o sentido do tombamento que lhe deva garantir perenidade, não admitindo, por isso, a intimidade com o leitor, que se apropria dele com sentimento de posse e de pertença. Com relação à biblioteca, a pesquisa detectou, em geral, uma ênfase nas questões da estrutura física e uma separação entre essa e os projetos de incentivo à leitura. As pessoas entrevistadas, especialmente aquelas que trabalham diretamente com as salas de leitura encontradas, não fizeram referências ao papel da biblioteca como promotora de ações voltadas para incentivo à leitura e à escrita, mas apenas como espaço físico depositário de materiais para que tais ações aconteçam pelo espaço ou como base de um projeto de incentivo à leitura.

Em grande parte das escolas, o espaço da biblioteca não existe como tal, sendo substituído por salas de leitura, cantinho entre outros. Compondo o conjunto

arquitetônico de prédios escolares é bastante rara, mesmo porque, quando se fez presente desde a planta de construção acabou, com a dinâmica escolar, sendo “aproveitada” como sala de aula, por ser esta, muitas vezes, tomada como mais importante do que uma biblioteca. De modo geral, as chamadas bibliotecas tratam-se apenas de salas ou espaços mal adaptados, mal pintados e mal iluminados, que nada têm de atrativos, além de afirmar a ideia de impossibilidade da livre escolha de obras da preferência do aluno, tanto porque os responsáveis não trabalham por essa concepção de interesse, quanto porque nas prateleiras, muitas de difícil visualização do acervo, há acúmulos de livros didáticos e de obras sem atrativos para o público das escolas.

Do ponto de vista de um profissional que opera as bibliotecas, a inexistência quase total de bibliotecários com formação é um dos grandes problemas. Essa questão se torna ainda mais grave com a ausência de concursos para o cargo, que em

muitas redes sequer existe. A figura mais comum encontrada nesse espaço é a de professores readaptados, ou seja, desviados de função por problemas de saúde.

A pesquisa revelou que a ausência de uma política de formação de leitores e de esclarecimentos suficientes aos professores sobre a utilização de acervos literários do PNBE em sua prática pedagógica gerou uma não diferenciação das especificidades do livro didático, paradidático, obra de referência e livro de literatura. A lógica que se percebeu de tratamento das obras literárias, por exemplo, deixou de valorizar o lúdico, a fantasia, a imaginação, para informar a fruição do gênero literário nos moldes escolares. Nesse aspecto, cabe destacar que, embora a literatura para as faixas etárias correspondentes ao Ensino Fundamental dirija – se as crianças, adolescentes e jovens – categorias que definem gostos, interesses, escolhas, sonhos, modos de perceber a realidade e com ela interagir, mediados por construções simbólicas e próprias da imaginação – na prática escolar essas se apagam. Resta, apenas, a categoria aluno, que matem suposta homogeneidade entre os sujeitos, sem respeitar a riqueza das experiências que vivenciam.

Pesquisa realizada por Vera Masagão Ribeiro doutora em educação pela PUC de São Paulo e coordenadora da ONG Ação Educativa nos mostra que, “apesar das deficiências da escola brasileira quando comparada a de países desenvolvidos, valorizam a leitura como prática cultural.” Segundo as pesquisas os jovens leem melhor que os adultos brasileiros, desta forma o mito de que o jovem não lê cai por terra.

O INAF – Indicador Nacional de Analfabetismo Funcional realiza pesquisas anualmente desde 2001, onde focaliza as habilidades e práticas de leitura da população brasileira entre 15 e 64 anos. Essa pesquisa é realizada por duas organizações não governamentais, a Ação Educativa e o Instituto Paulo Montenegro, com o objetivo de mostrar aos educadores e à sociedade em geral a situação da população quanto a esse que pode ser considerado principal resultado da escolarização a capacidade de usar a leitura para se inserir com autonomia na sociedade, usando – a como ferramenta de trabalho, aprendizagem, diversão e desenvolvimento cultural.

Segundo o INAF e pesquisas internacionais fica claro de que a leitura é a prática cultural, mais diretamente ligada à escolaridade. Por mais que a escola brasileira tenha seus problemas, ela representa um enorme diferencial para quem consegue permanecer nela por mais tempo, tanto na capacidade quanto na prática da leitura. O INAF mostra que os jovens leem mais livros de ficção e poesia que os adultos, enquanto esses preferem o jornal e os livros religiosos. Pesquisas internacionais também mostram alguns aspectos curiosos sobre a relação dos jovens brasileiros com a leitura. O PISA (programa internacional de avaliação) comparada, cuja principal finalidade é produzir indicadores sobre a efetividade dos sistemas educacionais, avaliando o desempenho de alunos na faixa etária dos 15 anos de idade, em que se pressupõe o término da escolaridade básica obrigatória na maioria dos países, mediu o interesse pela leitura: os jovens brasileiros ficaram entre os primeiros, ao de países como Finlândia e Dinamarca, enquanto que jovens de países campeões nos testes, como Japão e Coréia do Sul, ficaram na “lanterna”. A tabela a seguir demonstra os resultados adquiridos pela pesquisa no Brasil.

TABELA 1. Práticas de leitura da população brasileira, segundo a faixa etária.

IDADE	15 a 24 anos	25 a 34 anos	35 a 49 anos	50 a 64 anos
Gosta de ler para se distrair	74%	72%	65%	62%
Lê livros (romances aventura e ficção)	41%	33%	23%	21%
Lê Bíblia e livros religiosos	22%	17%	10%	11%
Lê jornais pelo menos uma vez por semana	35%	47%	51%	47%
Lê revistas pelo menos uma vez por semana	33%	39%	36%	35%
Usa computador pelo menos uma vez por semana	30%	20%	13%	6%

FONTE: INAF – BRASIL

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A adoção adequada de um processo que favorece a prática de leitura, voltada para o desenvolvimento do intelecto do aluno, bem como do professor e de toda comunidade escolar é o que foi possível perceber no decorrer deste trabalho. Além disso, o trabalho bem desenvolvido deixa de ser somente um instrumento de aprendizado e passa a ser a própria organização pedagógica das atividades desenvolvidas em três anos e meio de estudos.

Ao colocar o material de leitura nas mãos dos alunos, percebe-se a evolução de um trabalho. O fato de arquivar informações, aparentemente desconexas, ajuda a estabelecer relações e reflexões entre elas. É essencial compreender a importância de pensar e esquematizar o que cada aluno poderá fazer em cada leitura de um trabalho desenvolvido no decorrer de um ano. Neste se fez necessário aprender, dominando as técnicas de leitura que nos levam à busca do conhecimento e informações relevantes ao ensino-aprendizagem.

A leitura auxilia as pessoas a almejam conseguir e atingir a realização em suas carreiras. O ser humano deve olhar para dentro de si mesmo de forma a enxergar e lapidar aquilo que ele tem como conceito de sucesso e descobrir seus gostos. E o mundo da leitura faz enxergar o essencial para a vida.

A forma como as pessoas enxergam o mundo na atualidade é bem diferente da forma de antigamente. Hoje ele não é mais visto como uma tarefa árdua e sem propósitos, mas, sim como uma forma de proporcionar ao homem crescimento pessoal e humanização, pois é através da leitura que o profissional irá desenvolver seu potencial e experimentar emoções positivas e negativas, pois, o educando vai adquirir maturidade intelectual.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices. Ed. Scipione, São Paulo, 1997.
- BORTONI, Ricardo. Stella Maris, Educação Em Língua Materna: a sociolinguística na sala de aula. Ed. Parábola. 1º Ed. São Paulo, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

Correio Braziliense, Suplemento Especial, Leio e Escrevo Meu futuro; BSB 09 de agosto de 2009.

DINORAH, Maria. O livro infantil e a formação do leitor. Rio de Janeiro, Ed. Vozes 1995.

MORAES, Elody N. Desenvolvendo a Competência Leitora. Ed. Moderna.

KLEIMAN, Ângela. Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura. Campinas, 5^a Ed. Pontes, 1997.

KOCK, I.G.V. Desvendando os segredos do texto. São Paulo: Cortez, 2005.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. Leitura e produção de textos na escola, Ed. Mercado das Letras, 3^a Ed.2002.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Por uma Política de Formação de Leitores. Brasília 2^a edição, , 2009.

OLIVEIRA, Cristiane M. Alma gêmea – leitura na infância é tudo. Disponível em: <<http://www.graudez.com.br/litinf/trabalhos/2006-almagemea.htm>>. Acessado em: 22/07/2012.

OLIVEIRA. Cristiane Madanêlo de Entrevista à revista alternativa. Disponível em <<http://www.graudez.com.br/litinf/trabalhos/2007-japao.htm>>. Acessado em: 23/07/2012.

REVISTA ATIVIDADES E EXPERIÊNCIAS – Aperfeiçoamento. Práxis: o conceito na prática. Ed. Positivo – Ano 7, nº 4 – setembro 2006.

Revista Leituras – Ministério da Educação –Julho de 2008.

Revista Nova Escola, Outubro-2009 – Prêmio Victor Civita. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/linguaportuguesa/pratica-pedagogica.stml>>Acessado em: 22/08/2012.

YUNES. Eliana Ponde, Glória. Leitura e Leituras da literatura infantil. São Paulo FTD, 1988.

ZILBERMAN, Regina e SILVA & Ezequiel Theodoro. Leitura perspectivas Interdisciplinares. Ed. Ática, 5^a impressão, Série Fundamentos, 2004.

